

Invasores começam a aceitar remoção

"A gente tá indo embora porque aqui não tem mais condição de ficar". Com essa idéia na cabeça, mas com o coração apertado, nove famílias da invasão da 110/111 Norte foram removidas ontem para o assentamento de Brasilinha, no Estado de Goiás, a 70 km de Brasília. O esquema montado pela Secretaria de Serviço Social previa a remoção de sete famílias ontem, 25 hoje, 40 amanhã e 38 na sexta-feira. Mas no primeiro dia de remoção, mais de sete famílias foram removidas, alegando que se não saíssem naquele instante, enfrentariam as conseqüências de permanecer na invasão.

Para a remoção de ontem, foram providenciados 10 caminhões da Terracap e da Secretaria de Viação e Obras, que transportavam, além da mobília, os donos dos barracos. As crianças são lavadas de ônibus fretado até o Centro de Bem-Estar do Menor (Cebem), no Gama, onde recebem atendimento completo, com refeição e lazer. No final da tarde, são levadas até o assentamento de Brasilinha, onde são recebidas pelos pais. Se os pais quiserem levar os filhos nos caminhões, têm que assinar um termo de compromisso junto à Fundação de Serviço Social.

Arriscando

Uma das primeiras famílias a deixar a invasão, às 10 horas de ontem, foi a de Hélio Chaves dos Santos. Mesmo desconfiado de que o governo não vai cumprir as promessas de dar infra-estrutura à Brasilinha, Hélio Chaves achou melhor sair da invasão, "por ser uma área de superquadra, e porque o governo não vai dar terra para a gente no DF". Com dois filhos pequenos e mulher para sustentar, o guarda noturno Hélio Chaves vai tentar a vida em Brasilinha, e terá que gastar Cz\$ 30 por dia para trabalhar no Plano Piloto. Seu

salário mensal é de Cz\$ 3 mil. Hélio Chaves conta que morava em Planaltina, e saiu de lá porque o aluguel retirava Cz\$ 800 do seu salário de Cz\$ 1,9 mil.

Pensar em voltar para sua terra natal, Goiânia, não faz parte dos planos da família. "De lá eu já vim, de onde não deu certo", afirma Hélio, que diz ser hora de arriscar um lugar novo. "Se o governo tirar a gente de Brasilinha também é demais; isso não vai acontecer", conclui. Hélio Chaves partiu com sua esposa e a pouca mobília — uma cama, um armário, um colchão, uma mesa e vários pedaços de madeira e papelão, que, segundo ele, podem ser úteis na sua futura casa de tijolo, em Brasilinha.

Revolta

Entre outras famílias que se mudaram estava a de João Elias Braga, pai de cinco filhos pequenos sustentados por um salário de Cz\$ 3 mil. João Braga veio do Piauí, em 74, e há cinco meses está na invasão. Antes pagava um aluguel de Cz\$ 1 mil no Gama. Quando decidiu mudar-se para a invasão, juntou-se à outra família de três membros. Em seu barraco de um cômodo grande, moravam dez pessoas.

A maior revolta de João Braga, pedreiro da firma de construção civil Encol, é ter construído várias moradias em Brasília, e não ter direito a nenhuma. Atualmente, ele trabalha na construção de blocos da SQS 310, em frente à invasão. É uma verdadeira injustiça construir nessas redondezas, e minha família não ter onde morar. E ainda me jogam lá para Goiás", desabafa. João Braga foi conhecer Brasilinha antes de se cadastrar para a remoção, e diz o que viu: Lá tem é muito mato e muito chão, não tem condição da gente morar. Mas é o jeito", concluiu lamentando-se.